

GRAMÁTICA DE PORT-ROYAL
ou
GRAMÁTICA GERAL E RAZOADA
de
Arnauld e Lancelot*

CAPÍTULO II

DOS NOMES, E PRIMEIRAMENTE DOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

Os objetos de nossos pensamentos são ou coisas, como a *terra*, o *sol*, a *água*, a *madeira*, o que é comumente chamado *substância*, ou a maneira das coisas, como ser *redondo*, *vermelho*, *sábio* etc., o que é denominado *acidente*.

Existe a seguinte diferença entre as coisas e as substâncias, e a maneira das coisas ou dos acidentes: as substâncias subsistem por elas mesmas, enquanto os acidentes só existem pelas substâncias.

É isso que fez a principal diferença entre as palavras que significam os objetos dos pensamentos: pois, os que significam as substâncias foram denominados *nomes substantivos*; e os que significam os acidentes, designando o sujeito¹ ao qual esses acidentes convêm, *nomes adjetivos*.

Aí está a origem primeira dos nomes *substantivos* e *adjetivos*. Mas isso só foi tratado superficialmente; e acontece que se deu menos atenção à significação que à maneira de significar. Já que a substância é aquilo que subsiste por si mesmo, chamaram-se nome substantivo todos aqueles que subsistem por si mesmos no discurso, sem que tenham necessidade de um outro nome, ainda que signifiquem acidentes. E, ao contrário, foram chamados adjetivos mesmo aqueles que significam substâncias, quando por sua maneira de significar devem estar junto a outros nomes no discurso.

Ora, aquilo que faz com que um nome não possa subsistir por si mesmo, é quando, além de sua significação distinta², tem ainda outra confusa, que se pode chamar conotação de uma coisa à qual convêm o que é designado pela significação distinta.

Assim, a significação distinta de *rouge* ("vermelho") é *rouger* ("vermelhidão"); mas o termo a significa, designando o sujeito dessa qualidade de modo confuso, donde se vê que ele não subsiste por si só no discurso, porque é preciso expressar ou subentender a palavra que indica esse sujeito.

Como, pois, essa conotação perfaz o adjetivo, quando é retirado dentre as palavras que significam os acidentes, deles se fazem substantivos, como de *coloré* ("colorido"), *couleur* ("cor"); de *rouge*, *rouger*; de *dur* ("duro") *dureté* ("dureza"); de *prudent* ("prudente"), *prudence* ("prudência") etc.

E, ao contrário, quando se acrescenta aos termos que significam as substâncias essa conotação ou significação confusa de uma coisa à qual essas substâncias se referem, deles se fazem adjetivos, como de *homme* ("homem"), *humain* ("humano"), *genre humain* ("gênero humano"), *vertu humaine* ("virtude humana") etc.

Os Gregos e os Latinos têm uma infinidade dessas palavras: *ferreus*, *aureus*, *bovinus*, *vitulinus* etc.

Mas o hebraico, o francês e as outras línguas usuais são mais pobres nesse ponto; assim o

* Tradução de Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Murachco. Esta tradução da *Gramática de Port Royal* foi publicada em 1992 pela editora Martins Fontes – São Paulo.

1 Sujeito, aqui, como em vários outros tópicos, é "o que está por baixo", que serve de base, dá substância, nome substantivo, por oposição a acidente, nome adjetivo.

2 Seria o significado denotativo e conotativo, de que os autores têm uma visão interessante ao chamarem conotação a significação confusa.

francês o explica por um *de*: *d'or* ("de ouro"), *de fer* ("de ferro"), *de boeuf* ("de boi") etc.

Despojando-se esses adjetivos formados de nomes de substância de sua conotação, formam-se com eles novos substantivos, chamados *abstratos* ou *separados*³. Assim, de *homme* ("homem") se formou *humain* ("humano"), de *humain* se formou *humanité* ("humanidade") etc.

Há, porém, outro tipo de nomes que passam por substantivos embora sejam de fato adjetivos, já que significam uma forma accidental e designam também um sujeito ao qual essa forma convém: são os nomes de diversas profissões dos homens, como *rei*, *filósofo*, *pintor*, *soldado* etc. O que faz com que esses nomes passem por substantivos é o fato de que, não podendo ter como sujeito senão o homem, pelo menos ordinariamente e segundo a primeira imposição dos nomes, não foi necessário acrescentar-lhes o substantivo, que pode ser subentendido sem qualquer confusão, já que a relação não pode ser estabelecida com nenhum outro. Por isso esses nomes assumiram no uso aquilo que é peculiar aos substantivos, que é subsistir sozinhos no discurso.

É por esta razão também que se diz de certos nomes ou pronomes que são tomados substantivamente, porque se referem a um substantivo tão geral que se subentende fácil e determinadamente, como *triste lupus stabulis* em que se suprimiu *negotium* ("para os estábulos o lobo é um triste negócio"); *patria*, sup. *terra*; *Judea*, sup. *provincia*. Confiram a *Nouvelle Méthode Latine* ("Novo Método Latino").

Afirmei que os adjetivos têm duas significações; uma, distinta⁴, que é a da forma, e a outra, confusa, que é a do sujeito: mas não se deve concluir daí que eles signifiquem mais diretamente a forma que o sujeito, como se a significação mais distinta fosse também a mais direta. Ao contrário, é certo que significam o sujeito diretamente, *in recto*, como dizem os gramáticos, embora mais confusamente; e que não signifiquem a forma a não ser indiretamente ou, ainda como dizem os gramáticos, *in obliquo*, embora mais distintamente. Assim, *branco*, *cândido* significam diretamente aquilo que tem brancura, *habens candorem*, mas de um modo bastante confuso, não designando nenhuma coisa que pode ter brancura; e ele significa só indiretamente a brancura, embora de um modo tão distinto quanto o próprio termo brancura, *candor*.

3 A abstração se faz a partir do acidente e não da substância. É a coerência da gramática raciocinada.

4 A significação distinta da forma (conotativa) se opõe à confusa (denotativa) do sujeito, isto é, do substantivo.